



SEX 17 NOV '17 21h00

SAB 18 NOV '17 21h00

DOM 19 NOV '17 18h00

Academia de Música de Tavira
Antiga Escola Primária R. Álvaro de Campos

***... a música constitui para mim — como direi?
o meio natural estorvado da minha íntima expressão***

In Textos de Crítica e de Intervenção. Fernando Pessoa

***... uma dialética musical tão rigorosa como a dialética verbal,
(...) é perfeitamente inteligível para o músico, que a pratica...***

In Divulgação Musical, conferência de Lopes-Graça

Fernando Lopes Graça interpretado pela guitarra de Josué Nunes acompanha o ator Luis Luz, num recital de poemas e reflexões sobre a música e o modernismo na poesia de Fernando Pessoa e do poeta surrealista Mário Cesariny, ele mesmo aluno de música de Fernando Lopes Graça, que homenageia Álvaro de Campos. Tradução de Tela Leão (com a colaboração de John Coston)

***... for me the music represents — how shall I put it?
The naturally disturbed medium of my intimate expression***

In Textos de Crítica e de Intervenção. Fernando Pessoa

***... a musical dialectic as rigorous as verbal dialectic,
(...) is perfectly intelligible for the musician, who plays it ...***

In Divulgação Musical, conferência de Lopes-Graça

Fernando Lopes Graça, interpreted by the guitar of Josué Nunes, accompanying the actor Luís Luz, in a recital of poems and reflections on music and modernism in the poetry of Fernando Pessoa, and of the surrealist poet Mário Cesariny, himself a music pupil of Fernando Lopes Graça who paid homage to Álvaro de Campos. Translation by Tela Leão (assisted by John Coston)


O melodioso sistema do Universo

Álvaro de Campos

O melodioso sistema do Universo,
 O grande festival pagão de haver o sol e a lua
 E a titânica dança das estações
 E o ritmo plácido das eclípticas
 Mandando tudo estar calado.
 E atender apenas ao brilho exterior do Universo.

A Música sim a música

Álvaro de Campos

A música, sim, a música...
 Piano banal do outro andar...
 A música em todo o caso, a música...
 Aquilo que vem buscar o choro imanente
 De toda criatura humana,
 Aquilo que vem torturar a calma
 Com o desejo duma calma melhor...
 A música... Um piano lá em cima
 Com alguém que o toca mal
 Mas é música...

Ah, quantas infâncias tive!
 Quantas boas mágoas!
 A música...
 Quantas mais boas mágoas
 E o ritmo plácido das eclípticas
 Mandando tudo estar calado
 E atender apenas ao brilho exterior do Universo.
 Sempre a música...

O pobre piano tocado por quem não sabe tocar.
 Mas apesar de tudo é música.
 Ah, lá conseguiu uma música seguida --
 Uma melodia racional --
 Racional, meu Deus!
 Como se alguma coisa fosse racional!
 Que novas paisagens de um piano mal tocado?

O melodioso sistema do Universo

Álvaro de Campos

The melodious system of the Universe,
 The great pagan festival of the existence of the sun and the moon
 And the titanic dance of the seasons
 And the placid rhythm of the ecliptic
 Commanding everything to be silent.
 And attend only to the outer brightness of the Universe.

A Música sim a música

Álvaro de Campos

The music, yes, the music ...
 An ordinary piano sounds on upper floor ...
 The music, yes, the music ...
 That brings the immanent weeping
 Of every human creature,
 That which comes to torture the calmness
 With a desire for a better calmness ...
 The music ... A piano up there
 With someone who plays badly
 But it's music ...

Oh, how many childhoods have I had!
 How many enjoyable sorrows!
 The music...
 How many more enjoyable sorrows
 And the placid rhythm of the ecliptic
 Commanding everything to be silent
 And attend only to the outer brightness of the Universe.
 Always the music ...

The poor piano played by someone who does not know how to play.
 But it's music, nonetheless.
 Oh, it seems they've managed to play a melody --
 A rational melody --
 Rational, my God!
 As if there was something rational!
 What new images from a poorly played piano?
 The music! ... The music ...!



A música!... A música...!

O maestro sacode a batuta,
E lânguida e triste a música rompe...
Lembra-me a minha infância, aquele dia
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal
Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado
O deslizar dum cão verde, e do outro lado
Um cavalo azul a correr com um jockey amarelo,

Prossegue a música,
e eis na minha infância.
De repente entre mim e o maestro, muro branco,
Vai e vem a bola, ora um cão verde,
Ora um cavalo azul com um jockey amarelo...
Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal
Vestida de cão verde tornando-se jockey amarelo...

Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...
Atiro-a de encontro à minha infância e ela
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés,
A brincar com um jockey amarelo e um cão verde
E um cavalo azul que aparece por cima do muro
Do meu quintal... E a música atira com bolas
À minha infância...
E o muro do quintal é feito de gestos
De batuta e rotações confusas de cães verdes
E cavalos azuis e jockeys amarelos..,

Todo o teatro é um muro branco de música
Por onde um cão verde corre atrás da minha saudade
Da minha infância, cavalo azul com um jockey amarelo...
E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa,
Com orquestras a tocar música,

O maestro sacode a batuta
Fernando Pessoa

O maestro sacode a batuta
Fernando Pessoa

The conductor raises the baton,
And, languid and sad, the music begins ...
Reminds me of my childhood, that day
When I played by the backyard wall
Throwing at it a ball that had on one side
A sliding green dog, and on the other side
A blue horse ridden by a yellow jockey,

The music continues,
and there is my childhood.
Suddenly, between me and the conductor, the white wall,
The ball comes and goes, now showing a green dog,
Now a blue horse ridden by a yellow jockey ...
The whole theatre is my back yard, my childhood
Is everywhere, and the ball comes playing music,
A sad and vague song that wanders through my backyard
Dressed as a green dog becoming a yellow jockey ...

The ball turns very fast between me and the musicians ...
I throw it against my childhood and it
Returns across the entire theatre to my feet,
Playing with a yellow jockey and a green dog
And a blue horse that appears over the wall
Of my backyard ... And the music throws balls
At my childhood ...
And the backyard wall is made of gestures
By a baton and confusing rotations of green dogs
And blue horses and yellow jockeys ...

The whole theatre is a white wall of music
Where a green dog chases my longing
For my childhood, a blue horse ridden by a yellow jockey ...
And from one side to the other, from right to left,
Where there are trees and among the branches closer to their tops,
With orchestras playing music,



Com orquestras a tocar música
 Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei,
 E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...
 E a música cessa como um muro que desaba,
 A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,
 E do alto dum cavalo azul, o maestro, jockey amarelo
 tornando-se preto,
 Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,
 E curva-se sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,
 Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

Ah, como incerta, na noite em frente
 Fernando Pessoa

Ah, como incerta na noite, em frente
 De uma longínqua tasca vizinha
 Uma ária antiga, subitamente,
 Me faz saudades do que as não tinha.
 A ária é antiga? É-o a guitarra.
 Da ária mesma não sei, não sei.
 Sinto a dor-sangue, não vejo a garra.
 Não choro, e sinto que já chorei.

Qual o passado que me trouxeram?
 Nem meu nem de outro, é só passado:
 Todas as coisas que já morreram
 A mim e a todos, no mundo andado.
 É o tempo, o tempo que leva a vida,
 Que chora o choro na noite triste.
 É a mágoa, a queixa mal definida
 De quando existe, só porque existe.

Não, não é cansaço...
 Álvaro de Campos

Não, não é cansaço...
 É uma quantidade de desilusão
 Que se me entranha na espécie de pensar,
 É um domingo às avessas
 Do sentimento,
 Um feriado passado no abismo...

With orchestras playing music
 To shelves full of balls in the store where I bought mine,
 And the shopkeeper smiles amid the memories of my childhood ...
 And the music stops like a falling wall,
 The ball rolls off the cliff of my interrupted dreams,
 And from the top of a blue horse, the conductor, a yellow jockey
 becoming black,
 takes a bow, laying the baton upon the top of the wall,
 And he bows smiling, with a white ball on top of his head,
 A white ball that disappears behind his back ...

Ah, como incerta, na noite em frente
 Fernando Pessoa

Oh, how uncertain at night, in front of
 A distant nearby tavern
 An ancient aria, suddenly,
 Makes me long for what I did not have.
 Is the aria ancient? The guitar is.
 I don't know about this aria, I don't know
 I feel the pain and blood, but don't see the claw.
 I don't cry, but I feel like I've cried.

Which is the past that was brought to me?
 Neither mine nor anybody else's, it is just past:
 All the things that have already died
 For me and for everyone in this travelled world.
 It is time, the time that takes away life,
 That sheds tears in the sad night.
 It is sorrow, the badly complaint defined
 When it exists, just because it exists.

Não, não é cansaço...
 Álvaro de Campos

No, it's not fatigue...
 It's a lot of disappointment
 That gets entangled in me as a kind of thought,
 It's a backwards Sunday
 Of sensations,
 A holiday spent in the abyss ...



Não, cansaço não é...
 É eu estar existindo
 E também o mundo
 Com tudo aquilo que contém,
 Com tudo aquilo que nele se desdobra
 E afinal é a mesma coisa variada em cópias iguais.

Não. Cansaço porquê?
 É uma sensação abstrata
 Da vida concreta —
 Qualquer coisa como um grito
 Por dar,
 Qualquer coisa como uma angústia
 Por sofrer,

Ou por sofrer completamente,
 Ou por sofrer como...
 Sim, ou por sofrer como...
 Isso mesmo, como...
 Como quê?...

Se soubesse, não haveria em mim este falso cansaço.
 (Ai, cegos que cantam na rua,
 Que formidável realejo
 Que é a guitarra de um,
 e a viola do outro, e a voz dela!)
 Porque oiço, vejo.
 Confesso: é cansaço!...

PASSAGEM DAS HORAS
Álvaro de Campos

Trago dentro do meu coração,
 Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
 Todos os lugares onde estive,
 Todos os portos a que cheguei,
 Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
 Ou de tombadilhos, sonhando,
 E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

No, it's not fatigue...
 It is my own existence
 And also the world
 With all that's in it,
 With all that develops within it
 And it is the same thing in a variety of similar copies after all.

No. Why fatigue?
 It is an abstract sensation
 Of concrete life —
 Something like a scream
 that is held back,
 Something like anguish
 That is still to be suffered,

Either to be suffered completely,
 Or to be suffered like...
 Yes, to be suffered like...
 That's it, like...
 Like what?...

If I knew, there would not be in me this false fatigue
 (Oh, blind ones who sing in the streets,
 What a wonderful hurdy-gurdy,
 Which is someone's Portuguese guitar,
 And somebody else's traditional guitar, and her voice!)
 Because I listen, I see.
 I confess: it is fatigue!...

PASSAGEM DAS HORAS
Álvaro de Campos

I bring within my heart,
 As if in a safe one cannot close because it is so full,
 All the places where I have been to,
 All the harbours I've arrived at,
 All the landscapes I've seen through windows and portholes,
 Or from lookouts, as in a dream,
 And all this, that is so much, is not enough for what I want.



A entrada de Singapura, manhã subindo, cor verde,
 O coral das Maldivas em passagem cálida,
 Macau à uma hora da noite... Acordo de repente...
 Yat-lô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô... Ghi — ...
 E aquilo soa-me do fundo de uma outra realidade...
 A estatura norte-africana quase de Zanzibar ao sol...

Dar-es-Salaam (a saída é difícil)...
 Majunga, Nossi-Bé, verduras de Madagáscar...
 Tempestades em torno ao Guardafui...
 E o Cabo da Boa Esperança nítido ao sol da madrugada...
 E a Cidade do Cabo com a Montanha da Mesa ao fundo...

Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei...
 Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos...
 Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti,
 Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir
 E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.
 A certos momentos do dia recordo tudo isto e apavoro-me,

Penso em que é que me ficará desta vida aos bocados, deste auge,
 Desta estrada às curvas, deste automóvel à beira da estrada, deste aviso,
 Desta turbulência tranquila de sensações desencontradas,
 Desta transfusão, desta insubsistência, desta convergência iriada,

Deste desassossego no fundo de todos os cálices,
 Desta angústia no fundo de todos os prazeres,
 Desta saciedade antecipada na asa de todas as chávenas,
 Deste jogo de cartas fastiento entre o Cabo da Boa Esperança e as Canárias.

Não sei se a vida é pouco ou de mais para mim.
 Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
 Se me falta escrupulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência,
 Consanguinidade com o mistério das coisas, choque
 Aos contactos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,
 Ou se há outra significação para isto mais cómoda e feliz.

Seja o que for, era melhor não ter nascido,
 Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,

The entrance to Singapore, the morning coming up, green in colour,
 Passing by the coral-reefs of the Maldives' warm waters,
 Macau at one in the morning... And I wake up suddenly...
 Yat-lô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô... Ghi — ...
 And that sounds to me to be coming from the depth of another reality...
 And the importance of North Africa, almost Zanzibar under the sun...

Dar-es-Salaam (so difficult to leave)...
 Majunga, Nossi-Bé, the greens of Madagascar...
 The storms around Guardafui...
 And the Cape of Good Hope pristine under the light of dawn...
 And Cape Town with Table Mountain as a backdrop...

I've travelled past more lands than those I've touched...
 My eyes have glanced at more landscapes than they've seen...
 I've experienced more sensations than all those I've felt,
 Because, the more sensations I felt, the more I still had to feel
 And life has always hurt me, it always offered little, and I was unhappy.
 At certain moments of the day I remember it all and it scares me,

I think about what little pieces of this life will remain, this apex,
 This winding road, this automobile by the side of the road, this warning,
 This tranquil turbulence of ill-matched sensations,
 This transfusion, this lack of subsistence, this convergence of the spectrum,

This disquiet at the bottom of all chalices,
 This anguish at the bottom of all pleasures,
 This satisfaction anticipated at the handles of all teacups,
 This tedious game of cards between the Cape of Good Hope and the Canary Islands.

I don't know if life is too little or too much for me.
 I don't know if I feel too much or too little, I don't know
 If I'm lacking spiritual scruples, a point of support for my intelligence,
 Consanguinity with the mystery of things, shock
 At contacts, blood from blows, shaking at noises,
 Or if there is a more comfortable and happy meaning for all this.

Whatever, it would have been better not to have been born,
 Because, since life is so interesting at every moments,



A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
 A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
 Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
 E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
 Entre tombos, e perigos e ausência de amanhã,

Só estou bem quando ouço música, e nem então.

Esta Velha Angústia
Álvaro de Campos

Esta velha angústia,
 Esta angústia que trago há séculos em mim,
 Transbordou da vasilha,
 Em lágrimas, em grandes imaginações,
 Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
 Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.
 Transbordou.

Mal sei como conduzir-me na vida
 Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
 Se ao menos endoidecesse deveras!
 Mas não: é este estar entre,
 Este quase,
 Este poder ser que...,
 Isto.

Um internado num manicómio é, ao menos, alguém,
 Eu sou um internado num manicómio sem manicómio.
 Estou doído a frio,
 Estou lúcido e louco,
 Estou alheio a tudo e igual a todos:
 Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
 Porque não são sonhos
 Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!
 Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
 Que é do teu menino? Está maluco.
 Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?

It hurts, it provokes nausea, it cuts, it scratches, it shrieks,
 It makes one want to scream, to jump, to stay on the floor, to leave
 Every house, all logic, every balcony,
 To rush wildly towards death among trees and forgetfulness,
 Among falls and dangers and the absence of tomorrows,

I only feel good when I listen to music, and not even then.

Esta Velha Angústia
Álvaro de Campos

This old anguish,
 This anguish I have carried inside me for centuries,
 Overflowed its vessel,
 In tears, in huge imaginings,
 In dreams like terrorless nightmares,
 In sudden great emotions without sense.
 Overflowed.

I barely know how to conduct my life
 With this distress making folds in my soul!
 If only I were to become insane!
 But no: it is this being in between,
 This almost,
 This might be...,
 This.

A patient in an asylum is at least somebody,
 I'm a patient in an asylum without asylum.
 I'm an undiagnosed madman,
 I'm lucid and insane,
 I'm oblivious to everything, just like everyone:
 I'm sleeping awake with dreams that are insane
 Because they are not dreams
 This is how I am...

Poor old house of my lost childhood!
 Who would tell you I would be so homeless!
 What happened to your boy? He is crazy...
 What happened to the one who slept quietly under your provincial roof?



Está maluco.

Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
 Por exemplo, por aquele manipanso
 Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
 Era feiíssimo, era grotesco,
 Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.

Se eu pudesse crer num manipanso qualquer —
 Júpiter, Jeová, a Humanidade —
 Qualquer serviria,
 Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?
 Estala, coração de vidro pintado!

Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos

Mário Cesariny de Vasconcelos

Coitado do Álvaro de Campos!
 Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!
 Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia!
 Coitado dele, que com lágrimas (autênticas) nos olhos,
 Deu hoje, num gesto largo, liberal e moscovita,
 Tudo quanto tinha, na algibeira em que tinha pouco, àquele
 Pobre que não era pobre, que tinha olhos
 tristes por profissão.
 Coitado do Álvaro de Campos, com quem ninguém se importa!
 Coitado dele que tem tanta pena de si mesmo!
 E, sim, coitado dele!
 Mais coitado dele que de muitos que são vadios e vadiam,
 Que são pedintes e pedem,
 Porque a alma humana é um abismo.
 Eu é que sei. Coitado dele!
 “Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,”
 “Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto!”
 “Depois, ponto vago no horizonte (ó minha angústia!”
 “Ponto cada vez mais vago no horizonte.”

(Fernando Pessoa, Obra Poética)

He is crazy.

What happened to the person I was? He is crazy. Today this is who I am.

If only I had religion of some kind!
 For example, if I adored that strange statue
 We used to have in the house, in that house, brought from Africa.
 It was so ugly, so grotesque,
 But in there was a divinity that is in everything we believe in.

If I could only believe in some strange statue —
 Jupiter, Jehovah, Humanity —
 Any of those would do
 For what is anything but what we believe it to be?
 Crack, my heart of painted glass!

Praise and Simplification of Álvaro de Campos

Mário Cesariny de Vasconcelos

Poor Álvaro de Campos!
 So isolated in life! So depressed in his sensations!
 Poor him, curled up on the couch of his melancholy!
 Poor him, that with tears (authentic) in his eyes,
 Gave today, in a lager, liberal and muscovite gesture,
 Everything he had, in that pocket where he didn't have much, to that
 Poor who was not poor, who had sad eyes
 By profession.
 Poor Álvaro de Campos, nobody cares for!
 Poor him who pities himself so much!
 And, yes, poor him!
 He is more pitiful than many who are idlers and idle
 Are beggars and beg,
 Because the human soul is an abyss.
 I should know
 Poor him!
 “First the ship in the middle of the river, highlighted and sharp,”
 “Then the ship on the way to crossing the bar, small and black
 “Then, a vague point on the horizon (oh my anguish!)”
 “A point more and more vague on the horizon.”

(Fernando Pessoa, Obra Poética)



Há uma hora,
 há uma hora certa que um milhão de pessoas está a sair para a rua.
 Há uma hora, desde as sete e meia horas da manhã
 que um milhão de pessoas está a sair para a rua.
 Estamos no ano da graça de 1946 em Lisboa, a sair para, o meio da rua.
 Saímos? Mas sim, saímos!
 Saímos: seres usuais, gente, gente! olhos, narinas, bocas,
 gente feliz, gente infeliz,
 um banqueiro, alfaiates, telefonistas, varinas, caixeiros desempregados
 uns com os outros, uns dentro dos outros
 tossicando, sorrindo, abrindo os sobretudos,
 descendo aos mictórios para apanhar elétricos,
 gente atrasada em relação ao barco para o Barreiro que afinal ainda lá estava apitando
 estridentemente,
 gente de luto, normalmente silenciosa mas obrigada a falar ao vizinho da frente
 na plataforma veloz do elétrico, em marcha,
 gente jovial a acompanhar enterros
 e uma mãe triste a aceitar dois bolos para a sua menina.

Há uma hora, isto: Lisboa e muito mais.
 Humanidade cordial, em suma, com todas as consequências disso mesmo
 e a sair a sair para o meio da rua.
 E agora, neste momento que horas são?
 a telefonista guarda o batom na mala pousa os auscultadores liga
 eletricamente
 Lisboa a Santarém e começou o dia
 o pedreiro escalou para o telhado mais alto
 e cantou qualquer coisa para começar o dia
 o banqueiro sentou-se, puxou de um charuto havano,
 pensou um bocado na família e começou o dia
 a varina infetou a perna esquerda nos lixos da Ribeira
 e começou o dia
 o desempregado ergueu-se, viu chuva na vidraça,
 e imaginou-se banqueiro para começar o dia
 e o presidiário, ouvindo a sineta das nove,
 começou o seu dia sem dar início a coisa alguma.

Agora fumo, trepidação,
 correias volantes de um a outro extremo da fábrica isolada,
 cigarros meio fumados em cinzeiros de prata,

One hour ago,
 It has been exactly one hour since one million people started getting out to the streets.
 It has been one hour, since seven thirty this morning
 That one million people is getting out on the streets.
 We are in the year of our Lord 1946 in Lisbon, getting out to the streets.
 Do we get out? But yes, we do get out!
 We get out: usual beings, people, people! eyes, noses, mouths,
 Happy people, unhappy people,
 A banker, tailors, telephone operators, fisher mongers, unemployed clerks
 Ones with the others, ones inside the others
 coughing, smiling, opening the overcoats,
 descending to the public urinals to catch the electric,
 people late to catch the boat to Barreiro that is still there after all whistling
 stridently
 people in mourning, usually silent but forced to speak to the neighbour in front
 on the fast platform of the moving electric
 young people following funerals
 and a sad mother accepting two cakes for her little girl.

For the last hour this, Lisbon, and much more.
 Cordial humanity, in short, with all the consequences of it
 and going out in the middle of the street.
 Now, at this moment, what time is it?
 the operator puts the lipstick back in her purse, puts down the headphones and connects
 electrically
 Lisbon to Santarém and the day started
 the mason climbed to the highest roof
 and sang a some tune to start the day
 the banker sat down, pulled a Havana cigar,
 He thought about his family for a brief while and started the day.
 the fish monger infected her left leg in the rubbish of the Ribeira
 and the day began
 the unemployed man stood up, saw rain on the windowpane,
 and imagined himself a banker to start the day
 and the convict, hearing the nine o'clock bell,
 began his day without starting anything.

Now smoke, trepidation,
 flying belts connect one to the other side of the insulated factory,



bater de portas pás! em muitas repartições,
 uma velha a morrer silenciosamente em plena rua
 e um detido a apanhar porrada embora acreditem nele.

Agora pranto e pranto na bata da manicure apetitosa do salão Azul.
 Agora, regressão, milhões de anos para trás,
 patas em vez de mãos, beiços em vez de lábios,
 crocodilos a rir em corredores bancários
 apesar das mulheres terem varrido muito bem o chão.

Agora tudo isto e nada disto em plena e indecorosa licenciosidade comercial

pregando partidas, coçando, arruinando, retorcendo o facto atrás dos vidros
 um tiro nos miolos e muito obrigado, sempre às ordens!

(a velha já morreu e no seu leito de morte está agora um automóvel verdadeiramente
 aerodinâmico e a tocar telefonia: and you, and you my darling?)

Há uma hora, Isto! Há duas, ISTO!
 E eu?
 Eu, nada. Eu, eu, é claro...

Paro um pouco a enrolar o meu cigarro (chove)
 e vejo um gato branco à janela de um prédio bastante alto
 Penso que a questão é esta: a gente, certa gente sai para a rua,
 cansa-se, morre todas as manhãs sem proveito nem glória
 e há gatos brancos à janela de prédios bastante altos!

Contudo e já agora penso que os gatos são os únicos burgueses
 com quem ainda é possível pactuar
 vêm com tal desprezo esta sociedade capitalista!
 Servem-se dela, mas do alto, desdenhando-a...
 Não, a probabilidade do dinheiro ainda não estragou inteiramente o gato
 mas de gato para cima nem pensar nisso é bom!

Propalam não sei que náusea, retira-se-me o estômago só de olhar para eles!
 São criaturas, é verdade, calcule-se, gente sensível e às vezes boa
 mas tão recomplicada, tão bielocosida. tão ininteligível
 que já conseguem chorar, com certa sinceridade, lágrimas cem por cento hipócritas.

cigarettes half smoked in silver ashtrays,
 banging of doors pá! in many offices,
 an old woman dying silently in the middle of the street
 and a prisoner being bitten even if they believe in him.

Now tears and tears soak the robe of the Blue Room's hot manicure..
 Now regression, millions of years ago,
 paws instead of hands, labium instead of lips,
 crocodiles laughing in aisles of banks
 even though the women swept the floor very well.

Now all this and none of this in full and unseemly commercial licentiousness

Playing tricks, scratching, ruining, twisting the fact behind windows
 A shot in the head and thank you, always at your service!

(the old woman has already died and a truly aerodynamic automobile is no won her death
 bed and the radio is playing: and you, and you my darling?)

For the last hour, this! For the last two hours, THIS!
 And I?
 I, nothing. I, I, of course...

I stop for a while to roll up my cigarette (it rains)
 And I see a white cat on the window of a rather tall building
 I think that this is the matter: people, certain people, get out in the streets,
 Get tired. Die every morning with no gain or glory
 And there are white cats on the windows of rather tall buildings!

However, and indeed, I think that the cats are the only bourgeoisie
 With whom one can make a pact.
 They see this capitalist society with great contempt
 They take advantage of it, but firm the top., despising it...
 No, the , the probability of Money has not entirely spoiled the cat as yet.
 But from cat upwards, it is better not even think of that!

They cause me some unknown nausea, my stomach turns just by looking at them |
 They are creatures, it is true, imagine that, sensitive people and sometimes even kind.
 But they are so double complicated, so , bielocooked, so unintelligible
 That they can cry, with some sincerity, tears that are one hundred per cent hypocrite



E o certo é que ainda têm rapazes de Arte, gente que pôs a alegria a pedir esmola e nessa mesma noite foi comprar para o cinema porque há que ir ao cinema, ele é por força, é por amor de Deus, ah, não! não! isso não!, não se atrevessem nesta bilheteira!!

Vamos estar tão bem! Vai tudo ser Tão Bonito!

Ah, e quem é que, vê o logro? A quem é que isto cheira a ranço?

Porque é que a freguesa de Panos Limitada não exige três quartas de cinema e sim três quartas partes pretas de lã carneira?

Porque é que a pianista compra do Alves Redol quando está a pensar nas pernas e no peito do louro galã yankee? E porque raio despede o senhor Diretor três humilísimos empregados quando a verdade é que já lá vão três meses e ainda não viu um que lhe enchesse as medidas?

Com certa espécie de solidariedade lembro-me de ti, Mário de Sá Carneiro, Poeta gato branco à janela de muitos prédios altos Lembro-me de ti, ora pois, para saudar-te, para dizer bravo e bravo, isso mesmo, tal qual! Fizeste bem, viva Mário!, antes a morte que isto, viva Mário a laçar um golpe de asa e a estatelar-se todo cá em baixo (viva, principalmente, o que não chegaste a saber, mas isso é já outra história...)

E com uma solidariedade muito mais viva lembro-me de ti, meu vizinho de baixo, sapateiro gato branco mas no rés-do-chão, desta vez É curioso que não te possas suicidar só porque a tua janela está ao nível do mundo e que cantes alegremente de manhã à noite com uma casa de seis andares em cima de ti. Também tu foste empurrado, também te disseram: Fora, gato! Mas achaste isso quase natural (e não o é, deveras?) E agora, guardando em ti todas as tuas grandes qualidades vais vivendo um pouco à margem, um pouco no quinto andar Deito fora o cigarro que já me sabia a amargo e decido-me a andar mas para quê? Mas para onde?

As lojas estão todas abertas mas nunca se viu coisa tão fechada Ah! heróis do trabalho, que coisas raras fazeis! Não sou um proletário vê-se logo mas odeio cordialmente a gataria e quanto a crocodilos, nem os do Jardim Zoológico me atraem quanto mais estes! E aqui é que começa o embróglio...

And the sure thing is that there are some Art people, people who have made joy go begging. And in the same night went buy a ticket for the movies, because one must go to the movies. And he is by force, by God's sake, oh no| no| not that| Don't cross in front of me in the ticket line!! We will be so well! Everything is going to be so beautiful! Oh, and who can see the , see the lie? To whom this smells like rancid? Why the buyers of the shop Panos Limitada doesn't demand Three quarters of movies, but three quarters of black sheep wool?

Why does the pianist shops at Alves Redol When she is thinking about the legs and the torsi of the blond yank movie star And why the hell the Director fires three very humble employees When the truth is that it has been already three months And he has not seen not even one that would satisfy him?

With some kind of solidarity I remember you, Mário de Sá Carneiro, Poet, white cat on the window of a many tall buildings I remember you, eyes I do, to salute you, To say bravo and bravo, that's it, no less! I did well, heil Mário!, death is better than this., Heil Mário spreading your wings and falling and crushing flat on the floor below. (heil, mainly that you never got to know, but that is another story...)

And with a much more alive solidarity, I remember you, my downstairs neighbour, shoemaker white cat, but on the ground floor, this time. I tis curious that you cannot commit suicide just because your window is at world level And because you sing gladly from morning to evening With a six floors house on top of you You were also pushed. You were also told: Get out cat! But you thought that was almost natural (and isn't that so?) And now, keeping for yourself all your big dualities, You keep living a little at the margin, a little at the fifth floor I throw out the cigarette that was already tasting bitter and I decide to take a walk But what for? But where to?

The shops are all open but no one has ever seen something so closed Of| working heroes, what rare things you achieve! One can see I'm not a proletarian, but I cordially hate all cats And crocodiles, not even the ones from the zoo attract me.



O pouco amor que eu tive à burguesia
 deixei-o todo numa casa de passe quando me perguntaram:
 quer assim ? Ou assim ?
 E agora, era fatal, falto ao escritório,
 falto ao escritório, pontualmente, todas as manhãs.
 Mas vejamos, ó minha alma, se podes,
 arrumemos um pouco a casa escura que te deram.
 Eu estudei música, como toda a gente
 (ou talvez um pouco mais do que toda a gente?)
 Não. Por aqui não nos entenderemos.

Estudemos outro papel. Outro fim. Outras músicas.
 Recomeçamos: Um:
 Estes versos não querem de modo algum ser versos
 porque quem hoje em Portugal quer de algum modo fazer versos
 está em muito maus lençóis
 (este o primeiro artigo da minha constituição)
 Segundo:
 Apesar de tudo, saí para a rua com bastante naturalidade
 e que vi eu? Que é isto? (E que esperava eu ver?)

Terceiro:
 (e aqui começa, talvez, o desembróglio)
 vi também um vapor que ia para o Barreiro e tive pena de não ir com ele
 mas não sou um proletário (não, ainda não)
 e atravessar a nado quem é que disse que pode?
 Fiquei-me a vê-lo: primeiro junto ao cais
 com um certo ar simpático de proletário dos mares
 e apinhado de gente tanta espécie dela!
 Depois a meio do rio, destacado e nítido,
 depois um ponto vago no horizonte (ó minha angústia !)
 ponto cada vez mais vago no horizonte
 e de repente, ao virar uma esquina, já depois de outra esquina,
 vejo uma nova espécie de enforcado um homem novo em cima de um escadote
 a colar afixar cartazes deste género: VOTA POR SALAZAR
 Páro.
 Páro de novo.
 Pararei sempre enquanto afixarem cartazes deste género.
 Curioso, curiosíssimo este género.
 Um chefe não é grande pelo nome que arranjou.

Much less these! And here starts the confusion...
 He little love I had to the bourgeoisie
 I let all in a brothel, when I was asked
 You want like this? Or like that?
 And now, and it was fatal, I miss work
 I miss work assiduously , every morning.
 But let us see, oh my soul, if you can,
 Let arrange a little the dark house that was given to you,
 I studied music like everyone
 (or maybe a little more than everyone?)
 No, Like this we will not understand each other

Let's study another role. Another objective, Another music.
 Let's restart: One:
 These verses don't want, in any way to be verses
 Because whoever in Portugal these days wants in any way to male verses verses,
 Is in deep shit
 (this is the first article in my constitution)
 Second:
 Despite all, I went out to the street in a very natural way
 And what have I seen? What is this? (What did I expect to see?)

Third:
 (and here, perhaps, we start disentangling)
 I saw also a steamboat to Barreiro that was going to Barreiro, and I was sad not to go in it.
 But I'm not a proletarian (no, not yet)
 And swim, across, who said it could be done?
 I stayed there looking, first it by the pier
 With a sympathetic look of proletarian of the seas
 And full to top with people, all sorts of people!
 Then in the middle of the river, highlighted and sharp ,
 Then a vague point on the horizon (oh my anguish)
 So vague on the horizon,
 And suddenly, turning around a corner, beyond another corner
 I see another kind of hanged man. A young man on top of a ladder
 Fixing posters saying VOTE SALAZAR
 I stop.
 I stop again
 I will always stop when they are fixing posters like these.
 Curious, so very curious this kind



Salazar Xavier Francisco da Cunha Altinho isso que importa.
Um chefe é grande ,pelas suas obras, pelo amor que inspira.
Pois os fascistas os nossos bons fascistas querem que a gente vote por um nome
por um nome calcula essa coisa qualquer que qualquer fulano tem!
Vota por Salazar ora pois ó meu povo
vota por sete letras muito bem arrumadas em três sí-la-bas.
Deito a cabeça para trás para deixar sair a gargalhada
e aproximo-me do homem em cima do escadote
aproximo-me tanto que ele nota alguém que se aproxima
e o braço cai-lhe, grosso, pingando água num balde

A chief is not big for the name he has
Salazar Xavier Francisco da Cunha Altinho, what does that matter
A chief is great for the works he does, for the love he inspires.
Cause the fascists, the good old fascists, want us to vote for a name
For a name, imagine that, something anybody has!
Vote Salazar my people
Vote for seven letters very well arranged in three si-la-bles.
I throw my head back to let my laugh out.
And go close to the man on the ladder
I come so close that he notices that somebody is coming close
And his arm falls down, thick, dripping water in a bucket.